



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

RUAN JONES SOUZA RIBEIRO

**CAMINHOS E DESCAMINHOS NA ASCENSÃO SOCIAL DOS NEGROS NO
BAIRRO DA LIBERDADE EM SALVADOR DA BAHIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

RUAN JONES SOUZA RIBEIRO

**CAMINHOS E DESCAMINHOS NA ASCENSÃO SOCIAL DOS NEGROS NO
BAIRRO DA LIBERDADE EM SALVADOR DA BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

RUAN JONES SOUZA RIBEIRO

**CAMINHOS E DESCAMINHOS NA ASCENSÃO SOCIAL DOS NEGROS NO
BAIRRO DA LIBERDADE EM SALVADOR DA BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades.

Aprovado em: 04/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos (Orientador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Márcio André de Oliveira dos Santos

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Carlos Antonio Barros de Oliveira

Universidade Federal da Bahia

“Devemos, negros e africanos, enfatizar nossa presença neste mundo que modela a civilização do futuro. Civilização aberta a todos eventos da existência humana, livre de exploradores e explorados, o que resulta na impossível existência de opressores e oprimidos de qualquer raça ou cor epidérmica. Não desejamos transferir para outros as responsabilidades que a História nos outorgou.”

Abdias do Nascimento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	11
3	OBJETIVOS	13
3.1	GERAL	13
3.2	ESPECÍFICOS	14
4	PROBLEMATIZAÇÃO	14
5	CRONOGRAMA	14
6	REFERENCIAL TEÓRICO	15
7	METODOLOGIA	19
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

A arte me levou à Liberdade, onde caminhei por ladeiras, becos e vielas do bairro com estruturas precárias, mas que me trazia uma atmosfera da ancestralidade africana que me agradava, devido as manifestações culturais que os moradores que ali “sobrevivem” emanam entre o caos do cotidiano e a luta por uma vida melhor, tentando lidar com seus problemas pessoais e do bairro do qual muitos se orgulham em pertencer.

Pelas ruas e eventos que experimentei, dialoguei com os amigos e colegas que frequentemente contavam suas dificuldades de se estabelecer economicamente, para conseguir sair das situações inconvenientes em que viviam, como a grande maioria que mora no bairro. Porém, percebia que algumas pessoas tinham conseguido alcançar posições melhores e ainda moravam ali, como também soube por terceiros, histórias que outros moradores do bairro enriqueceram e foram viver em outros lugares mais elitizados da cidade de Salvador.

Por ser negro e pobre consequentemente convivo com pessoas do meu grupo racial e social, onde falo e ouço diariamente sobre a questão financeira, o que me faz começar a indagar sobre as nossas dificuldades de conseguir a ascensão social e entender por que nessas circunstâncias, em sua maioria, os corpos têm características negras?

A trajetória dos negros e negras no Brasil começou pelos mares, onde os colonizadores europeus trouxeram milhares de africanos na condição de escravo, para que pudessem ser a mão de obra nas plantações de açúcar, primeiramente, depois na de café, algodão, minas de ouro, entre outros serviços braçais, que eram sujeitados.

Foram mais de três séculos onde milhares de negros e negras retirados de suas terras foram mortos, humilhados, estuprados e massacrados física e psicologicamente pelos europeus, que também colonizaram e promoveram o genocídio de diversas etnias indígenas.

O fim da escravidão só aconteceu no século XIX, quando em 1888 foi assinado a Lei Áurea, que também ocasionava de forma cruel a marginalização dos importantes africanos e seus descendentes da sociedade, retirando a responsabilidade dos colonizadores. (NASCIMENTO, 1978)

O Brasil tornou-se uma sociedade multirracial onde brancos, negros e índios começaram a conviver no mesmo território. Porém, a abolição não condicionou um melhor lugar para os negros e negras e nem para os índios, pois continuaram em lugares subalternizados, contendo imensas dificuldades de enfrentar o racismo (estrutural e institucional) que criou e cria diversas barreiras para que os negros e negras não venham

conseguir acessar os melhores recursos da sociedade, tanto nos órgãos públicos quanto nos privados.

Essas circunstâncias ainda fazem com que os brancos continuem mantendo seus privilégios e sua hegemonia, frente as outras raças. Observo que hoje as relações das classes e raças pouco mudaram além dos nomes, onde os senhores de escravo viraram patrão, os capitães do mato foram transformados em polícia, os escravos tornaram empregados de baixa renda e moram em favelas antes conhecidos como senzalas. (TADDEO, 2012)

Essa violência que surgiu e configura o Brasil até os dias atuais, é um campo complexo para os estudos antropológicos e sociológicos das relações étnicas raciais. Um caso singular, mas que os primeiros estudos na década de 1930 até os meados de 1970, os pesquisadores da época faziam acreditar que o Brasil era um país multirracial harmônico onde o racismo não existia (GUIMARÃES, 2009).

Esses estudos influenciaram a sociedade brasileira fazendo impregnar no imaginário social de que os únicos problemas sociais eram a desigualdade de classes, mesmo depois que outros pesquisadores como Florestan Fernandes, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, assim como o movimento negro geral desmitificarem essa ideia ao afirmar que o país não vive em uma democracia racial e que o racismo está sim, presente nas relações sociais.

Thales de Azevedo em sua pesquisa sobre mobilidade social na Bahia, especificamente Salvador na década de 1950 onde analisou que 70% da população era negra, também afirmava que as desigualdades encontradas eram de classes e não raciais, em contrapartida verificou que a ascensão social do negro era possível de se ver individualmente, mas não como grupo. (AZEVEDO, 1955)

Já não é mais possível negar o racismo e é nitidamente perceptível que ainda nos dias atuais se ver mais indivíduos negros ascenderem, mas ainda não como grupo já que os brancos ainda continuam em sua maioria em cargos de decisões, de prestígio e com vantagens econômicas. E a respeito dos negros que ascendem coloca CARNEIRO (1995, pag. 548):

embora desfrutem individualmente de uma situação privilegiada sabem que não representam nada que tenha relevância política social ou econômica porque os negros enquanto coletividade são considerados a parcela descartável de nossa sociedade e se bem sucedidos individualmente servem apenas para legitimar o mito da democracia racial.

Um fator curioso é saber que numa sociedade onde a maioria da população é negra ainda tem poucos representantes nas classes médias e altas da sociedade, assim como no

cenário político, nas grandes mídias e em outros lugares de prestígio. São questionamentos que indago, principalmente quando vejo as estatísticas de homicídios e carcerárias que são definitivamente em sua maioria de pessoas pretas e pardas.

De cada 100 pessoas que sofrem homicídios no Brasil, 71 são negras.¹ Segundo os dados do mapa da violência de 2015 os assassinatos contra a mulher negra aumentaram 54% enquanto das mulheres brancas caiu 10%. O sistema carcerário também é outro dado onde os pretos e pardos também são majorias, compondo 64% e aumentando a cada ano os números segundo os dados da InfoPen,² sendo que esse número pode ser maior já que a classificação da cor muitas vezes é dada pelos diretores dos presídios.

O movimento negro tem contribuído bastante para a emancipação do povo negro, discutindo, debatendo e denunciando a discriminação racial, fazendo que a sociedade pense a respeito do racismo na sociedade brasileira. Alguns resultados estão sendo obtidos como em 1988, cem anos após abolição, o racismo foi considerado crime, assim como a implementação da lei 10.639/03 que obriga o ensino da História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas de ensino fundamental e médio...

Outras conquistas também vieram como a implementação das cotas nas universidades, nos concursos públicos, entre outras políticas afirmativas; assim como a criação do Estatuto da Igualdade Racial³ promulgado em 2010 com o intuito de combater a discriminação e desigualdade racial.

No Brasil, os negros representam 54% da população, nos estados do Norte e Nordeste, esse número é muito maior como no caso de Salvador que 80% se autodeclaram negros, segundo o IBGE. Pois, mesmo em uma sociedade majoritariamente negra, as pessoas brancas continuam sendo as que estão nas camadas mais prestigiadas e de decisões na cidade soteropolitana.

Proponho essa pesquisa no bairro da Liberdade em Salvador, que têm um dos maiores números de negros no Brasil. Entendendo que supostamente em localidades como essas seria possível encontrar mais negros e negras que ascenderam socioeconomicamente, e começaram a acessar outros privilégios que sempre foram negados e assim podermos entender quais são os obstáculos encontradas pelos negros e negras para obtenção da mobilidade social.

A Liberdade, por ser um bairro de sua maioria com ascendência negro-africana, constituiu movimentos sócio culturais que são voltados para a cultura afro-brasileira. Em 1º

¹ Dados consultados no Atlas da violência 2017 disponível em:
<http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf>

² Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

³ Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010

de novembro de 1974, surgiu o primeiro bloco afro, o Ilê Aiyê, que através de suas manifestações dá voz a população negra, e consequentemente mostra o “Poder Negro”, como os organizadores pretendiam nomear o bloco, mas impedido pela polícia federal.

Nesse intuito o bloco sempre pretendeu integrar o negro à sociedade e mostrar o seu devido valor, dando autoestima para a população negra, principalmente para o bairro da Liberdade, através da valorização da estética natural do negro e da preservação cultural de matrizes africanas.

O bairro tomou suas próprias trajetórias, devido suas manifestações culturais e hoje é um dos bairros mais conhecidos de Salvador, sendo considerado uma rota do turismo étnico que é desenvolvida com o intuito de propagar a cultura dos povos que historicamente foram subalternizadas (ARAGÃO, 2015), que no caso da Liberdade, é a cultura afro-brasileira.

Apesar da manifestação cultural que é vivifica diariamente o bairro, onde atrai diversas pessoas de outros bairros, cidades e países, a Liberdade e seus moradores ainda continuam a sofrer da amnesia do poder público, exceto da presença da polícia militar.

Então, quando as necessidades básicas como moradia, segurança, escolas, hospitais não chegam com qualidade em comunidades como o bairro da Liberdade, fruto do racismo que impede e dificulta o acesso, para os negros um dos caminhos mais acessíveis para o sonho de se ter uma vida melhor tem sido o crime, principalmente, o tráfico. Porém, é perceptível que é um caminho curto, desgastante e desumanizador, onde os negros acabam virando estatísticas do homicídio e do sistema carcerário.

Segundo FIGUEIREDO (2002, pag. 32) “Os estudos sobre ascensão social, status e prestígio, apontam para a importância da educação no processo de mobilidade dos grupos ou indivíduos, principalmente para a população negra. ” Alguns pesquisadores colocam que a educação é um dos fatores mais importantes para a mobilidade social ascendente, mas é preciso ressaltar quais as estruturas das escolas públicas que estão localizadas nos bairros populares, os estímulos dos professores e as grades curriculares bem como o modelo de ensino.

Assim, como também é fundamental saber quais as outras formas de conseguir essa ascensão e como elas estão acontecendo, no caso do bairro da Liberdade, que a cultura e a arte também são uma grande referência, assim como também são um elemento importante que contribui para a formação socioeducacional.

A arte e educação dialogam constantemente no bairro que vive um grande estímulo cultural, pode-se perceber ao visitá-lo e encontrar eventos nas ruas, nas escadarias, nas praças

e nas próprias escolas que abrem espaços para os arte-educadores da própria comunidade se apresentarem, são traços que os próprios moradores fazem para construir um futuro melhor.

O empreendimento formal e informal também é um fator verificado no bairro, diariamente parte da população levanta suas barracas para comercializar na feira popular, comércio que acontece entre os próprios moradores da região. Sendo que a maioria desse comércio é informal, feito sem nenhum estudo sobre vendas, economia, logística, entre outros fatores para crescer o seu negócio.

Então, o presente projeto visa o estudo da mobilidade social⁴ ascendente dos negros e negras no bairro da Liberdade, Salvador da Bahia, buscando compreender quais foram aos caminhos e dificuldades percorridas pelos que conseguiram ascender socioeconomicamente.

A pesquisa ocorrerá em torno das famílias de Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, fundador do Ilê Aiyê e que antes de fundar o bloco trabalhava no polo petroquímico da Bahia e já tinha formação técnica em Patologia Clínica e de Engenharia Eletromecânica e atualmente está com 65 anos; e a partir da família de Ilka Cyana, graduada em Bacharel Interdisciplinar em Artes pela UFBA, modelo, dançarina e empresária, atualmente com 24 anos, que faz sua trajetória de mobilidade social, a partir da ascensão conquistada pelos seus familiares, que possibilita uma trajetória menos árdua.

Então o bairro da Liberdade se faz um caso singular e plural de luta e resistência contra as esferas do sistema, singular por ter suas próprias formas de luta e manifestação e plural porque junto a outros bairros como Itapuan, Cabula, Cosme de Farias, também participaram na resistência contra as opressões aos negros em Salvador.

Desse modo, aprofundaremos nas questões de mobilidade social por meios dos que conseguiram ascender, para que possamos entender melhor a questão racial como construção das classes e para que venhamos, através dos resultados, a serem encontrados, buscar uma maior equidade racial na sociedade, onde os negros e negras não venham ser apenas estatísticas da violência e da pobreza.

⁴ Ver SOUZA(1983) e FIGUEREIDO(2012)

2 JUSTIFICATIVA

Precisa-se compreender as questões da mobilidade social dos negros e negras já que a mesma reflete no cotidiano negativamente de diversas maneiras e para que possamos entender como o racismo reverbera diariamente na vida deles e também na sociedade como um todo.

Os negros e negras continuam sendo massacrados, em grande maioria nas classes mais baixas da sociedade, sofrendo as consequências por estar em uma posição que nunca pretenderam, sendo inviabilizados, apagados e ofuscados diariamente por um racismo muito bem estruturado. Como afirma ALMEIDA (2015, pag.737): “o racismo estrutura relações de poder. De tal sorte que sua inteligibilidade histórica passa por uma investigação sobre os liames existentes entre a discriminação racial e a reprodução da vida social.”

Desta maneira, o que todos os negros e negras sonham todos os dias é conseguir uma mobilidade social, então é preciso entender quais são os caminhos e dificuldades encontradas, já que essa busca e essa necessidade que algumas vezes desenfreada, acaba causando transtornos sociais para essas pessoas e suas comunidades, assim como também transtornos psicológicos, devido a cobrança social de ser “alguém” ou simplesmente de ter uma vida melhor.

Também há outras raças que estão nas camadas mais baixas da sociedade brasileira, porém as trajetórias dos negros são diferentes, já que a sua história mostra que suas vidas foram constituídas de injustiças, racismo e exclusão que dificultam na ascensão social, bem diferente dos brancos pobres que almejar ascender, pois:

o fato de uma pessoa ser branca dá a ela um conjunto de vantagens simbólicas que as pessoas negras pobres não tem, aumentando sua chance de colocação no mercado de trabalho, de ascensão escolar e de aceitação social nas classes médias e altas. PAIXÃO (2005, pag.16)

Então, é importante estudar a mobilidade social dos negros e negras, já que os mesmos não encontram nenhuma vantagem e que para conseguir ascender precisa se assimilar à cultura do branco, já que se acredita que estar nas camadas altas da sociedade não é um lugar natural dos não-brancos. E como nos situa SOUZA (1983, pag.34):

O figurino é branco, em seus diversos matizes. Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem sucedido. Noutro momento, branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se.

Porém, o movimento negro e pesquisadores tem contribuído para essa desmistificação. E as mudanças vem ocorrendo ao decorrer do tempo, por exemplo, no livro de Ângela Figueiredo (2012) sobre a classe média negra brasileira ela fez entrevista com empresários negros de Salvador, suas respostas mostram solidariedade racial, pois entendem a importância da posição em que se encontram e tomam medidas para priorizar a vaga de emprego aos negros em suas empresas, por entender os impedimentos que os mesmos encontram no dia a dia.

Acredito que ainda que lentamente o tornar-se negro na ideia de se reconhecer como tal, tem acontecido, é preciso que venha existir mais negros e negras nos topos da hierarquia social e em todas esferas: econômicas, políticas, jurídicas, sociais, artísticas e esportivas, pois é necessário a representatividade, para que o negro venha reconhecer seus valores, sua cultura e o seu potencial.

O que nos leva a crer que novas dinâmicas e novos caminhos vem a surgir, cada luta é um passo dado, então é fundamental pensar e investigar como essas trajetórias vão e vem se consolidando na sociedade, não como acesso somente ao indivíduo negro como exceção, em uma posição folclórica, mas como coletivo. Portanto, saber das complexidades da mobilidade social é primordial para que elas sejam entendidas e possam dar aos negros e negras a possibilidade de ascender em maneira igualitária a qualquer outro grupo racial.

Entender a questão da mobilidade social é também a busca de compreender as questões da desigualdade racial no Brasil. Pois, o racismo em suas estratégias inferioriza outras raças (indígenas, orientais) e as segregam, impedindo ou dificultando o acesso aos recursos da sociedade, isto é, a tentativa de manter o status quo nas hierarquizações das classes, sendo que após 500 anos ainda a ponta pirâmide é constituída por essa branquitude dominante política e economicamente.

Portanto, precisa-se continuar a aprofundar esses fenômenos, já que a questão da democracia racial impregnado no ideário social, se faz acreditar que as oportunidades são iguais e que é uma questão de merecimento, essa teoria se afasta da prática, ALMEIDA (2015, pag.758) observa que: “A meritocracia é um discurso racista e legitimador de privilégios que, caso a igualdade não se realizasse única e tão somente como igualdade jurídica, no momento da troca mercantil, seria socialmente inaceitável.”

Então, há muito tempo vem ocorrendo as tentativas de tirar o negro da sociedade, embranquecendo-o ou marginalizando-o por meios dos estereótipos negativos, e mesmo assim, ainda muitas pessoas acreditam que o problema brasileiro é apenas de classe, mas conforme MUNANGA (1988, p. 18): “os que pensam que a situação do negro no Brasil é

apenas uma questão econômica, e não racista, não fazem esforço para entender como as práticas racistas impedem ao negro o acesso na participação e na ascensão econômica”.

Portanto é fundamental continuar compreendo a mobilidade social dos negros, já que nas últimas décadas ocorreram mudanças políticas no Estado brasileiro que teoricamente tentam combater a desigualdade racial, mas é preciso investigar até onde essas políticas estão de fato se efetivando, então, assim é preciso analisar os caminhos percorridos pelos negros e negras.

Por isso, a pesquisa em um território negro como o bairro da Liberdade, mostrando outros horizontes diferentes da idéia do abandono e de pobreza, é de altíssima relevância para se atingir um mundo mais igualitário.

Então, busca-se no projeto, se aprofundar nas trajetórias dos indivíduos negros do bairro da Liberdade, que conseguiram atravessar as barreiras sociais e racistas conseguindo ascender socialmente, para entendermos melhor a dinâmica racial e social da sociedade, onde apenas alguns atores negros conseguem ascender socialmente.

Entendendo essa perspectiva, o projeto pretende analisar a partir dos que conseguiram ascender, que são o caso das famílias de Vovô do Ilê Aiyê e de Ilka Cyana, para que possamos nos aprofundar nesses caminhos percorridos para que seja possível traçar novas trajetórias, onde os negros e negras venham conseguir melhores posições na hierarquia social e conseqüentemente acabar com a desigualdade racial e a ideia contida no imaginário social de que o negro é sinônimo de pobreza, ou qualquer outro tipo de inferiorização.

Descobrendo os caminhos e descaminhos dos negros e negras do bairro da Liberdade, Salvador da Bahia, ascender socialmente, poderemos encontrar os meios para combater as desigualdades raciais e assim olhar para o horizonte em busca de se ter uma sociedade onde a raça não seja um fator determinante nas relações sociais, e só a partir disso, poderemos também encontrar soluções para os problemas da desigualdade socioeconômica.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Objetiva-se nesta proposta de pesquisa compreender quais foram os caminhos percorridos pelos negros no bairro da Liberdade para ascender socialmente e quais foram as dificuldades encontradas, revelando que vivemos em uma sociedade onde o racismo opera de

diversas maneiras no cotidiano, principalmente nas instituições públicas e privadas que são meios importantes de conseguir uma mobilidade social.

3.2 ESPECÍFICOS

1. Entender como o racismo estrutural e institucional dificulta na ascensão social, através das análises da pesquisa de campo.
2. Como e se as políticas afirmativas têm contribuído para ascensão social dos negros numa perspectiva de coletividade.
3. Apontar possibilidades de ascensão social de núcleos familiares em seus contextos socioculturais.

4 PROBLEMATIZAÇÃO

Haja vista a efervescência cultural da Liberdade, com a presença vibrante e internacional do Grupo Cultural Ilê Aiyê, por que é tão difícil um desenvolvimento social para a maioria dos indivíduos naquela comunidade negra? E sobre os que conseguiram uma ascensão social, e continuam a viver por lá, quais os caminhos e os descaminhos que os levaram a esta árdua empreitada?

5 CRONOGRAMA

2018	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2	2020.1	2020.2
Levantamento Teórico	X	X				
Imersão de campo			X	X		
Escrever monografia					X	X

6 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao estudar a ascensão social dos negros é importante ressaltar como essas questões mexem com a saúde mental dos indivíduos e quando se encontram em uma classe baixa, mais vulneráveis ficam a ter tais problemas psicológicos, que acabam deixando resquícios em seu itinerário, que acabam prejudicando o exercício pleno de suas existências. (QUADROS et al., 2015)

O racismo é um dos fatores mais importantes para a consolidação das desigualdades raciais, sendo que:

Desse modo, a raça é entendida como uma dimensão estrutural e estruturante da sociedade brasileira presente nos processos de dominação, nas transformações sociais e econômicas vividas sob a égide do capitalismo e nas lutas por emancipação. (GOMES, 2011, pag.45)

Então, o racismo pressupõe que uma raça seja superior à outra, fazendo dessa ideologia sua principal arma para manter o seu projeto de dominação. No Brasil a discriminação acontece a partir do fenótipo, que historicamente constrói discriminações, exclusões e hierarquias típicas às estruturas sociais brasileiras, logo:

Estas hierarquias dialogariam com o contínuo de cor encontrado em nosso país, fazendo com que o tipo branco “puro” se localize no topo da pirâmide social e os negros também “puros” fiquem na sua base. Entre estes extremos se seguiriam os outros tipos resultantes do caldeamento racial. Destarte, este modelo, que teria sido criado no período escravista, foi se atualizando até os dias atuais fazendo com que hoje a perspectiva inclusiva, somos todos brasileiros, conviva com uma igualmente forte tradição hierarquizadora das relações sociais e raciais que termina naturalizando o papel de cada grupo racial no interior da pirâmide social. (PAIXÃO, 2005, pag.12)

Historicamente, o branco sempre esteve no topo da pirâmide social e o negro nas camadas mais baixas. Um histórico de violência e atrasos sobre uma raça que nunca foi ressarcida pelos danos da escravidão e o contínuo racismo sofrido ao longo de tantos anos, não deixa de lutar para se integrar na sociedade e coexistir com os demais numa relação de justiça social.

Sem representações sociais e sem os mecanismos necessários o negro ainda continua a lutar demasiadamente contra a exclusão da sociedade na tentativa de deixar de se configurar nas camadas mais subalternas da hierarquia social, então:

por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica no pleno exercício da cidadania. MUNANGA (1988, p.16)

Portanto, ainda hoje com os recentes programas de políticas afirmativas ainda existe um grande déficit de representações de negros e negras nos poderes públicos e políticos, e também na iniciativa privada, nas esferas do grande capital no Brasil (Marx, 2013). O que são condicionantes importantes para que se possa consolidar a reparação dos atrasos e das deficiências encontradas pelos negros na sociedade.

Essa falta de representatividade nas classes médias e altas da sociedade, faz como o que os negros e negras que ascendem socialmente estejam sempre sujeitos a negar a sua identidade. E mais,

Qualquer poder que o homem negro exerça ele o faz por delegação do branco de plantão que pode destitui-lo a qualquer tempo por isso é consentida a mobilidade individual de alguns negros ao mesmo tempo que é controlada e reprimida a mobilidade coletiva posto que o negro em processo de ascensão individual está fragilizado e sob o controle do poder do branco e uma das garantias exigidas pelo poder branco a este negro (para que ele não caia) é a sua lealdade. Portanto o homem branco permite que alguns negros participem do poder preferencialmente naqueles lugares que não têm importância para os brancos. (CARNEIRO, 1995, pag.547)

Então, o tempo todo o negro que pretende ascender socialmente tem que se sujeitar e assimilar a cultura do branco, tido como o modelo a ser seguido e ainda,

se isso não bastasse, precisa conforma-se aos papéis sócias ambíguos do “cavaleiro por exceção”, em todas as circunstâncias sujeito a dar provas ultraconvincentes de sua capacidade de ser, de pensar e de agir como equivalente moral do ‘branco’. Em suma, condena-se a negar-se duplamente, como indivíduo e como parte de um estoque racial, para poder afirma-se socialmente. ” (SOUZA, 1983, pag.18)

O negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade. Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “torna-se gente”. (SOUZA, 1983, pag.23)

Logo, sendo o branco o modelo e estando no topo da pirâmide social, consequentemente (FIGUEREIDO, 2002, pag.102) “a ascensão social dos negros brasileiros se efetiva, a princípio, através da relação de subordinação com os brancos.” Assim, quando se encontra um negro em uma camada social mais elevada ainda há diversos percalços encontrados pelos mesmos, pois no imaginário social ainda se acredita que não é um lugar natural do negro, logo estando “fora do lugar”.

Assim, o negro na busca de ser aceito, e de atingir as camadas superiores na qual poucos se encontram, começa a seguir a demanda e tenta das formas que lhe são cabíveis a embranquecer, ficando afastado da sua negritude e também da sua comunidade racial, porém não encontrando um lugar pleno ao meio dos brancos. Ou seja:

O processo de assimilação ou/e aculturação não se relaciona apenas à concessão aos negros, individualmente, de status social, mas restringe sua mobilidade vertical na sociedade como um grupo; invade o negro e o mulato até à intimidade mesma do ser negro e do seu modo de auto-avaliar-se [...] (NASCIMENTO, 1978, pag.94)

Toda essa violência psicológica que enfrenta o negro antes e depois de conseguir a mobilidade social e todas as suas tentativas de branqueamento para que se possa integrar na classe hegemonicamente branca. Ocorre, porque:

branqueamento e ascensão social aparecem como sinônimos quando relacionados ao negro. Parece-nos que isso decorre do fato de que essa sociedade de classes se considera, de fato, como um “mundo dos brancos” no qual o negro não deve penetrar. (BENTO, 2006, pag.52)

São fatores históricos construídos em uma sociedade que sempre se negou racista, na ilusão de ser uma país harmonioso nas suas convivências raciais, mas as práticas de genocídio vêm desde a invasão das terras indígenas passando pelo período da escravidão até o os dias atuais.

Todas as práticas racistas criam barreiras para que os negros e negras não venham almejar posições melhores dentro da hierarquia social e,

Deste modo, é quando do processo de mobilidade social ascendente de uma pessoa negra que os conflitos raciais tendem a se evidenciar. Isto porquê o mero processo de deslocamento dos negros de sua posição social original, ou as suas tentativas de impor uma igualdade de fato no plano das relações humanas, já é, em si, para os padrões brasileiros, uma quebra de uma importante regra de etiqueta social. (PAIXÃO, 2005 pag.16)

Em vista disso, é preciso um aprofundamento nas políticas afirmativas no Brasil, que tem como objetivo reparar os danos sofridos pelos grupos raciais subalternizados e seus programas como as cotas que deram uma nova dinâmica nas universidades públicas e privadas, ocasionando a entrada de um maior número de negros e negras nas universidades recentemente, o que possibilita, em certa medida, uma maior acessibilidade para os negros ascender socialmente.

Mas, essas práticas estão de fato consolidando na ascensão social dos negros, como grupo? Como ressalta, FERNANDES (1972, pag.47,48), que:

O que parece ser ascensão social no horizonte cultural do negro e do mulato, muitas vezes não passa de mera incorporação ao sistema de classes. A ascensão social verdadeira, isto é, a mobilidade social vertical no sentido ascendente, dentro do sistema social vigente, ainda não se organizou para eles, como um processo histórico e uma realidade coletiva.

Pois, se pensamos que as políticas afirmativas solucionaram e tiraram as negras e os negros da marginalização, então é preciso investigar mais profundamente esses resultados, assim como achar que o acesso ao celular e ao computador tirou o negro da subalternização, que subiu de classe, é não querer se aprofundar nas problemáticas que tem enfrentado o negro durante todos esses anos.

É preciso ressaltar que o racismo tem mecanismos e sistematizações muito bem trabalhadas, é obvio e constado, por exemplo, que o homem negro no mesmo nível de educação que o branco recebe menos e que a mulher negra recebe menos que ambos, assim os negros e negras têm que estar muito acima da qualificação do branco para conseguir almejar uma vaga.

Além das políticas afirmativas que contribui para o acesso do preto e do pardo as universidades o que possibilita uma ascensão social, também é preciso o enfrentamento ao racismo institucional nas próprias universidades e também em outras estruturas sociais, para que as medidas sejam de fatos eficientes e assim os negros possam conseguir ascender socialmente. Para enfatizar, diz PAIXÃO (2005, 15,16):

Por isso não pode ser encarado como mera coincidência o fato de que a maior parte das situações onde o conflito racial no Brasil se explicita, isto é onde as regras de etiqueta são rompidas, tenderem a ocorrer no mercado de trabalho (busca de emprego, promoções, demissões, definição de patamares salariais) e no ambiente escolar, não por coincidência, espaços cruciais do processo de mobilidade social.

O mito da democracia racial, nunca fez com que o negro estivesse nas camadas altas da sociedade, apenas em subordinação aos brancos no qual tem que ter como modelo para conseguir ascender socialmente, quer dizer, embranquecer, que também foi um projeto brasileiro de retirar a cor negra da sociedade a partir da miscigenação. E lembramos aqui junto a CARNEIRO, (1995, pag.546): “o estupro colonial da mulher negra pelo homem branco no passado e a miscigenação daí decorrente criaram as bases para a fundação do mito da cordialidade e democracia racial brasileira.”

Portanto,

“devemos compreender a “democracia racial” como significado a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais do governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país.” (NASCIMENTO, 1978, pag.93)

É preciso que os negros e negras conheçam e reconheçam a história do negro-brasileiro, para que possam juntamente buscar a equidade racial na sociedade brasileira, pois como bem enfatiza FERNANDES (1972, pag. 52): “portanto, delineia-se claramente um panorama que evidencia que as melhores perspectivas de ascensão social do negro e do mulato têm de ser conquistadas a duras penas e a logo prazo. ”

Então, quando propusemos entender os caminhos e as dificuldades dos negros em ascender socialmente na Liberdade, um bairro negro, pensamos também em verificar o que disse FERNANDES (1972, pag. 53):

Assim, as regiões que possuem maior massa de população negra e mulata contam com melhores perspectivas de combinar balanceadamente, nas próximas décadas, desenvolvimento sócio-econômico, modernização e democratização das relações raciais. A razão dessa possibilidade é simples – o mulato e o negro contariam, em escala social, ao mesmo tempo como artífices e beneficiários das transformações sociais.

Deste modo, como base nessas referências teóricas, buscaremos analisar as trajetórias dos negros e negras da Liberdade, a partir dos que conseguiram ascender socialmente, e entender as perspectivas que os mesmos têm encontrado em seus caminhos.

7 METODOLOGIA

Pretendo fazer uma pesquisa etnográfica (URIARTE); (GEERTZ, 2001); (LANDES, 2002), no bairro da Liberdade, acompanhando a vida de membros da família de Antônio Carlos dos Santos, o Vovô do Ilê Aiyê e de Ilka Cyana, observando o dia a dia deles e delas, num período de 6 meses de imersão no campo. Minha experiência afetando-se na experiência dos meus sujeitos de pesquisa (FAVRET-SAADA, 2005), para que eu possa obter dados e os analisar nos aspectos que evidenciem uma ascensão social dos implicados, dimensionando os problemas sociais atuais daquela comunidade negra, emblemática para a expressão cultural

negro-mestiça na Bahia. Também, buscarei interpretar (GEERTZ, 2001) estas trajetórias comparando-as com a maioria do local que ainda permanece em situação de pobreza e imobilidade social.

Além do convívio, farei entrevistas, acompanharei eventos cotidianos, festivos e formais, lançarei mão de recursos audiovisuais que me ajudem na elaboração semanal de relatórios acerca da pesquisa. Sem descartar o importante caderno de campo, ferramenta fundamental para registros etnográficos (PEIRANO, 1995, 2014). Analisarei matérias de jornais (A TARDE e CORREIO) do período de imersão, sistematizando notícias que possam exprimir aspectos da realidade atual no bairro, na perspectiva do jornalismo baiano, fazendo as devidas problematizações.

De fato, procurarei analisar meus dados a partir do auxílio teórico que já apresentei neste projeto. E, afirmo a importância da minha experiência como pesquisador negro, envolvido em questões que me dizem respeito, mas buscando um compromisso ético que me guie na elaboração final da minha pesquisa que se tornará uma monografia etnográfica sobre o tema que já apresentei aqui.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio de. **Estado, direito, e análise materialista do racismo**. 2015 p. 747-767. Disponível em: <<https://grupodeestudosracismoecapitalismo.files.wordpress.com/2017/05/silvio-de-almeida-estado-direito-e-anc3a1lise-materialista-do-racismo.pdf>> Acesso em: 26 Mar. 2018.
- AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/842401/course/section/252002/Thales%20de%20AZEVEDO.pdf>>. Acesso em: 1 Mar. 2018.
- BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública; Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Brasília. 2017. 65p. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf> Acesso em: 5 de mar. 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **Genero, raça e ascensão social**. Nº2. p. 544-552, jul-dez. 1995. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/G%C3%AAnero-ra%C3%A7a-e-ascen%C3%A7%C3%A3o-social.pdf>> Acesso em: 05 Mar. 2018.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Cadernos de Campo, v. 13, Nº14, p. 155- 161, 2005.
- FIGUEIREDO, Angela. **Classe média negra: trajetórias e perfis**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. 208p.
- FLORESTAN, Fernandes. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. Disponível em: <<https://eraju2013.files.wordpress.com/2013/09/fernandes-florestan-o-negro-no-mundo-dos-brancos-1.pdf>>. Acesso em: 20. Mar. 2018.
- GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.
- GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra**. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf>> Acesso em: 31 Mar. 2018.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 256p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566_informativo.pdf> Acesso em 26 mar. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro. 2017. 69p. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>> Acesso em: 12 mar. 2018.

LANDES, Ruth. A cidade das mulheres. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2002.
MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. Disponível em: <<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/o-genocidio-do-negro-brasileiro-processo-de-um-racismo-mascarado-abdias-do-nascimento.pdf>> Acesso em: 13 Mar. 2018.

PAIXÃO, Marcelo. **Antropofagia e Racismo**: uma crítica ao modelo brasileiro de relações raciais. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2015/10/ANTROPOFAGIA-E-RACISMO-MARCELO-PAIX%C3%83O.pdf>> Acesso em: 7 Abr. 2018.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

_____. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>> Acesso em: 24 abr, 2018.

QUADROS, Lenice de Castro Muniz de; Laura, Helen Castillo Laura; Quevedo, Luciana de Avila; Gigante, Denise Petrucci. **Efeitos da mobilidade social na saúde mental de adultos**: uma revisão sistemática da literatura, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n2/1413-8123-csc-21-02-0443.pdf>> Acesso em: 10 Fev. 2018.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. **Classe, raça e mobilidade social no Brasil**, vol.49, no.4, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000400006> Acesso em: 13 Fev. 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Disponível em: <<https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf>> Acesso em: 25 Mar. 2018.

TADDEO, Carlos Eduardo. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 616p.

URIARTE, Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos?** Salvador: Tumulto. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra_10_22.pdf> Acesso em: 30 Mar, 2018.